

# A defesa do direito de pensar

Carlos Moreira\*

"Morrer deve ser como não haver nascido  
e a morte talvez seja até melhor que a vida  
de dor e mágoas, pois não sofre quem não tem  
a sensação dos males."  
Eurípedes, As Troianas

"Não morrerei de todo."  
Horácio, Odes

Supondo que alguém perguntasse ao condenado a morte Sócrates se ele não se arrependia de ter dedicado sua vida inteira a uma prática que agora o conduzia a um trágico fim, é provável que o mesmo respondesse:

Estás enganado se pensas que um homem de bem deve ficar pensando, ao praticar seus atos, sobre as possibilidades de vida ou de morte. O homem de valor moral deve considerar apenas, em seus atos, se eles são justos ou injustos, corajosos ou covardes.

(PLATÃO, 2007, p. 63)

Assim era e pensava o homem-marco divisor da história da filosofia clássica. Nascido em Atenas (469-399 a.C.), era filho de um escultor e de uma parteira. Talvez por isso tenha sabido tão bem esculpir homens e idéias, e fazer da sua maiêutica (literalmente "arte de trazer à luz", em grego), tantas consciências obscurecidas nas trevas cavernosas da consciência.

Sócrates aprendeu com os sofistas a se concentrar nas questões que diziam respeito diretamente ao homem, ao invés de, como os chamados pré-socráticos, tentar explicar a natureza. Mas, diferente dos sofistas, abriu mão do relativismo das idéias e valores e da retórica como arte de atingir interesses pequenos. Preocupou-se com a busca da Essência do homem e de idéias como Bem, Verdade, Justiça, Amor e Belo. Ultrapassava assim a notação do meramente empírico, para tentar compreender o homem em sua alma, alma, eu-consciente. Por isso o "conhece-te a ti mesmo" tornado lema e leme, numa clara opção pelo humano e seus labirintos. Apesar de não ter deixado nada escrito, deixou marcas de texto e textura em seus discípulos (Xenofonte, Platão) e adversários (Aristófanes, por exemplo), que o imortalizaram.

O método filosófico de Sócrates era de uma coerência e artimanha aracnídeas: consistia em usar, de maneira estratégica, dois recursos complementares: a Ironia e a Maiêutica. No primeiro momento, interrogava seus interlocutores sobre o que estes pensavam saber, daí atacava de maneira lúcida (e, em geral, brilhante) suas respostas, até destronar seus "conceitos" e, é claro, a empáfia de sua arrogância. Costumava ser uma luta injusta, em que as "reflexões" eram sutilmente desmascaradas como idéias sem substância.

Demolidos em seu orgulho de saber, era hora de Sócrates dar o segundo passo: reconstruir. Uma nova série de questionamentos ajudava os discípulos a tocar os nervos reais de suas idéias, concebendo conceitos mais profundos e universais. Como sua mãe, Sócrates habilmente ajudava a filosofia a nascer daquelas consciências e, rapidamente respirar. Mas, eis a questão.

Sua profunda concepção de liberdade e pensamento o fazia questionar tudo, e não apenas isso, ensinar outros a questionar também. Dos poderes constituídos aos deuses, tudo era esquadrihado, medido, pesado, num esforço dialético épico. Os valores dogmáticos da sociedade ateniense foram postos em xeque, e Sócrates aplicava livremente sua arte de fazer pensar em homens "livres" e "escravos", ricos e pobres, mulheres e estrangeiros, comportamento de todo inaceitável para a cultura aristocrática da época. Some-se a isso a inveja que provocava e temos um coquetel molotov (ou será de cicuta?) pronto para transformar-se em acusação, processo, julgamento e condenação. Porque, diz Voltaire:

Sim, Sócrates tem razão, mas está errado em ter razão tão publicamente.

(RÓNAI, 1985, p. 904)

Ou, nas próprias palavras de Sócrates:

Outra coisa não faço senão perambular pela cidade para vos persuadir a todos, moços e velhos, a não vos preocupardes com o corpo nem com riquezas, mas a pordes o maior empenho no aperfeiçoamento da alma.

(PLATÃO, 2007, p. 54)

Mesmo diante dos juízes e da morte, Sócrates manteve a postura de quem nada teme, consciente de sua própria consciência (o que deve ter perturbado e irritado ainda mais os envolvidos no julgamento).

A própria acusação, portanto, é absurda, como todo o teatro para matar Sócrates. O "corruptor da juventude" desdobrará em vão os argumentos geniais e lúcidos de sua defesa (sua Apologia), criando, na verdade, a chave de ouro de suas intermináveis discussões que tanto entusiasmavam os jovens quanto incomodavam os poderosos.

Ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um pouco mais sábio que ele exatamente por não supor que saiba o que não sei.

(PLATÃO, 2007, p. 62)

Platão transcreve a defesa de Sócrates em três partes. Na primeira o filósofo enfrenta e contra-argumenta, como sempre com ironia e lucidez, as causas de seu julgamento. Corajosamente expõe as verdadeiras razões que o levaram até ali e, na pessoa de Meleto, desenvolve a discussão final de sua vida contra o poder arrogante e a inveja. A segunda e terceira partes são o discurso final de Sócrates, já ciente de sua condenação à morte. Ao invés do tom dramático e choroso que se poderia esperar do contexto, a certeza da morte próxima que liberta dá ao condenado ainda mais coragem (séculos mais tarde Schopenhauer diria: "quem está indo para a forca não se mata no caminho"). Vomita, por assim dizer, suas últimas e mais severas palavras, já livre de todo o asco e claramente consciente do que sua morte representa para suas idéias, por um lado, e para a vida de seus acusadores, por outro:

Agora, pois, quero vaticinar-vos o que se seguirá, ó vós que me condenastes, porque já estou no ponto em que os homens vaticinam melhor quando estão para morrer. Digo-vos, de fato, ó cidadãos que me condenastes, que logo depois da minha morte vos virá uma vingança muito mais severa, por Zeus, do que aquela pela qual me tendes sacrificado. Fizestes isso acreditando livrar-vos ao aborrecimento de terdes de dar conta da vossa vida, mas eu vos asseguro que tudo sairá ao contrário.

(PLATÃO, 2007, p. 87)

O cumprimento da profecia do filósofo foi quase tão fulminante para seus acusadores quanto o veneno que o matou: Lícon, renegado e humilhado, suicidou-se; Anito, exilado, foi morto por apedrejamento, enquanto Meleto foi condenado à morte.

Mesmo em seus últimos momentos Sócrates manteve-se firme na verdade de sua Verdade:

Porque morrer é uma ou outra dessas duas coisas: ou o morto não tem absolutamente nenhuma existência, nenhuma consciência do que quer que seja, ou, como se costuma dizer, a morte é precisamente uma mudança de existência e, para a alma, uma migração deste lugar para um outro. (...) No entanto, tudo o que lhes peço é o seguinte: quando os meus filhinhos ficarem adultos, puni-os, ó cidadãos, atormentai-os do mesmo modo que eu vos atormentei, quando vos parecer que eles cuidam mais das riquezas ou de outras coisas que da virtude.(...) Mas, já é hora de irmos: eu, para a morte, e vós para viverdes. Mas, quem vai para melhor sorte, isso é segredo, exceto para Deus.

(PLATÃO, 2007, p. 88, 90)

A força de tal discurso, sua presença imponente, é tão nítida que as palavras ecoam em seus discípulos presentes, e se tornam escritura pelas mãos de Platão. Com ele haviam aprendido filosofia e amizade, caráter e verdade. Aprenderam a buscar a essência das idéias e das coisas, despreocupando-se de banalidades como reputação, poder e riqueza. Havia desenvolvido reflexão e liberdade de pensamento, e desse modo podido participar do nascimento de uma nova forma de vida, que buscava o bem que dá acesso à felicidade e à sabedoria. Seu professor, seu amigo, seu demônio de palavras infinitas estava morto mas mais que vivo: Mito. E podia, agora sim, servir de minarete para o futuro e torre de vigia de um passado que matava os que pensavam e que ameaça sempre ressuscitar.

Guimarães Rosa, três dias antes de morrer, disse que "a gente morre para provar que viveu". E vive-se, como queria Sartre, para "morrer a tempo", para nos prepararmos para a morte, preparar algo para morrer, de fato. Sócrates estava pronto, e a filosofia, depois dele, já podia começar a respirar.

### **Referências Bibliográficas**

FIGUEIRA, Divalte Garcia. História. 2. edição. São Paulo: Ática, 2002.

KOOGAN/HOUAISS. Enciclopédia. 7. edição. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Convite a filosofia. 12. edição. São Paulo: Ática, 1999.

RUSSEL, Bertrand. História do pensamento ocidental. 2. edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

RÓNAI, Paulo. Dicionário universal de citações. 1. edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DUROZOI, Gerard. ROUSSEL, André. Dicionário de Filosofia. 5. edição. São Paulo: Papyrus, 2005.

COTRIM, Gilberto. Fundamentos de Filosofia. 15. edição. São Paulo: Saraiva, 2005.

PLATÃO. Apologia de Sócrates. 18. edição. São Paulo: Martin Claret, 2007.

(\*) Poeta, professor de Literatura e estudante de Filosofia.

